



# O "TAMANHO DA IGNORÂNCIA" NA TEORIA DA INFORMAÇÃO E A HISTÓRIA CLÁSSICA

Francisco Ruas Santos

---

Matéria constante do Boletim do Centro de Informações Culturais 10(14).

O Centro de Informações Culturais foi criado e é dirigido pelo autor.

---

**C**omo se sabe, a informação tem caráter dual: é *variedade*, cuja quantidade máxima ocorre na desordem ou estado caótico; é *percepção*, só possível na medida da emergência de uma forma, a qual o é justamente porque contém menos variedade e, portanto, menos informação do que o estado caótico.<sup>1</sup>

No que respeita aos documentos ou fontes históricas, em número astronômico, temos que geram aquela *variedade* máxima correspondente à desordem ou estado caótico da informação. O Mundo ainda não domina essa

variedade, mas esse domínio é possível através do levantamento de todos esses documentos por meio de sistemas de informação nacionais (NATIS, em escala mundial). Cada sistema de informação, além da conservação desses documentos do seu acervo, deve identificá-los, catalogá-los e indexá-los, gerando assim os correspondentes *bancos de dados*. Por exemplo: o Sistema Bibliodata, da Fundação Getúlio Vargas, objetiva catalogar todas as monografias (livros) e publicações periódicas e seriadas, pelo menos, existentes nas bibliotecas brasileiras.

---

1. Epstein, Isaac. *Teoria da Informação*, p. 7.

O mesmo se precisa fazer quanto a manuscritos, partiuras, mapas, discos fonográficos, peças museológicas em sentido restrito etc.

Os bancos de dados nacionais, em atenção aos princípios da liberdade de informação, da cooperação e da integração, devem ser *intercomunicantes* e, assim, chegar-se-ia ao domínio da variedade, por meio da obtenção ou alcance progressivo de níveis de informação (*percepção progressiva e crescente*).

Já disse um historiador que, para ele, a História Objetiva poderia ser assemelhada a um quarto escuro, cujos móveis, objetos e demais aspectos iriam sendo progressivamente percebidos segundo diferentes níveis de percepção possibilitados pela acomodação da visão ao escuro, em processo assemelhado à História Subjetiva.

Esta possui um limite, que é o número de documentos. Como não conhecemos esse número, a Informação na História Clássica ainda está naquela situação de variedade correspondente ao estado caótico, de entropia, da falta de iluminação suficiente naquele quarto da comparação.

Tal situação de variedade espelha o *tamanho da ignorância*, outra noção fundamental da Teoria da Informação absolutamente necessária no equacionamento das questões da História Subjetiva.

O *tamanho da ignorância* é a dimensão da classe das respos-

tas possíveis<sup>2</sup> quanto a determinado evento. No caso do par de dados do respectivo jogo (evento), o *tamanho da ignorância* corresponde ao *total* de combinações possíveis de serem obtidas.

Exemplificando com um caso da História do Brasil, tomemos a Guerra da Tríplice Aliança ou do Paraguai, que ocorreu de 1864 a 1870. Esse limite de tempo dá uma primeira medida do *tamanho da ignorância* relativamente a esse conflito, pois, em princípio, o que então ocorreu no Brasil, no Paraguai, na Argentina e no Uruguai, principalmente, pode estar relacionado direta ou indiretamente com ele. Se o limite for o da História Particular, temos que, do ponto de vista militar, essa guerra apresenta operações ocorridas principalmente em Mato Grosso, no Rio Grande do Sul e território vizinho a oeste, na Província de Corrientes e no Paraguai. A área geográfica assim definida dá outra idéia do *tamanho da ignorância* com relação às operações militares de que foi palco.

Se tomarmos só as operações ocorridas no Paraguai, de 1866 a 1870, esses dois anos são os limites temporais do *tamanho da ignorância* para o que deve ser denominado *Campanha do Paraguai 1866-1870*. Do ponto de vista documental o *tamanho da ignorância* neste último caso particular seria caracterizado por todas as fontes re-

2. Id., p. 35.

ferentes a fatos e personagens dessa campanha, brasileiros, paraguaios, argentinos e uruguaios. A catalogação e a indexação dessas fontes caracterizam o total de combinações possíveis, tal qual no caso do jogo de dados, mas agora com a eliminação de combinações impossíveis. Como não determinamos o tamanho da ignorância quanto a essa campanha, dela temos uma percepção que é a síntese (ensaio) de todas as percepções (ensaios) daqueles que sobre ela escreveram baseados em fontes primárias. Se levantarmos todas essas fontes, poderemos chegar à percepção final.

Por outro lado, a incerteza atual quanto à campanha do Paraguai depende, do ponto de vista da Teoria da Informação, do conjunto de mensagens possíveis existentes em fontes ainda não localizadas, pois informação não é propriedade de uma mensagem<sup>3</sup>, mas do conjunto de mensagens possíveis do qual estas provêm. Exemplifiquemos, tomando linguagens ou códigos de indexação diferentes. Na linguagem A, existe apenas Campanha do Paraguai

1866-1870; na linguagem B, esta é subdividida em Transposição do Rio Paraná 1866, Operações em torno de Humaitá, Operações para a conquista de Assunção, Operações para a captura de López. Na linguagem A, tudo é referido a Campanha do Paraguai, sem se saber a priori a que conjunto específico subordinado de operações; na linguagem B, se temos um documento sobre Operações em torno de Humaitá, ele exclui, em princípio, as demais operações do conjunto abrangente (Transposição do Rio Paraná 1866 etc.). Logicamente, a linguagem B, mais pormenorizada, permite maior conteúdo informacional, isto porque a incerteza reduzida é função da extensão da linguagem.

É por essa razão que um dos instrumentos modernos para o domínio das informações é o tesouro (linguagem ou código). Os tesouros devem ser cada vez mais abrangentes. Assim, por exemplo, para as informações do complexo negros e seus mestiços, temos um macrotesouro, ao qual se filiam inúmeros microtesouros, tal o de cultos afro-brasileiros.

3. Id., p. 36.



**Cel Inf R/1 FRANCISCO RUAS SANTOS** – É possuidor de todos os cursos do Exército, além do Curso Avançado de Infantaria, realizado em Fort Benning, EUA, e da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro. Presidiu a Comissão de História do Exército Brasileiro, do Estado-Maior do Exército, responsável pela edição da História do Exército Brasileiro (1972). Nessa função, idealizou o Centro de Documentação do Exército em 1973. Fundou e dirige o Centro de Informações Culturais, do Rio de Janeiro. Desde 1974

dedica-se ao estudo dos sistemas de informações, tendo publicado o Thesaurus do Sistema de Informações de Transportes (1976-1977) e Informação e Indexação.